

Sermão 270

Números misteriosos.

Para o dia de Pentecostes.

Santo Agostinho

De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então como que línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem¹.

Análise

Algumas vezes se pergunta por que foi no quinquagésimo dia depois de sua Ressurreição que o Salvador enviou o Espírito Santo. Aqui está uma resposta bem instrutiva.

Primeiro constatamos que os Apóstolos estavam ligados ao Senhor de uma maneira muito humana. Para destruir neles esse afeto, foi preciso que ele os deixasse e foi preciso também que o Espírito Santo descesse para formar em seus corações um afeto totalmente sobrenatural e totalmente divino.

Mas por que foi o quinquagésimo dia após a Ressurreição que ele escolheu para descer? O que ele quer nos ensinar com isso?

¹ Atos 2: 2-4.

Os quarenta dias que vão da Páscoa até a Ascensão representam a vida atual, a vida no tempo. Daí a duração do jejum do Senhor também em quarenta dias, bem como os jejuns de Moisés e de Elias. Os dez dias seguintes lembram o Decálogo. Somando estes dez dias aos quarenta primeiros, obtemos a verdade de que devemos observar a Lei de Deus, ou o Decálogo, durante toda a nossa vida.

Aí está a obrigação lembrada, mas como praticá-la?

Com a ajuda do Espírito Santo, que desce então; com a ajuda indispensável do amor que ele acende em nossos corações. Assim, se ele desceu no quinquagésimo dia foi porque era preciso antes nos lembrar do dever cuja graça de cumprir ele vem nos conceder.

Há outra aproximação misteriosa e numérica entre o Espírito Santo e os dez preceitos cuja graça ele nos concede para cumpri-los. Assim como o número dez é, por assim dizer, o número da Lei, da mesma forma, o número sete geralmente aparece nas Escrituras para representar o Espírito Santo. Ao reunirmos estes dois números, obtemos o número dezessete. Partindo da unidade __ como é preciso __ e somando todos os números até o dezessete, obtemos o número cento e cinquenta e três, que é o total dos grandes peixes pescados pelos Apóstolos, com a graça de Jesus, na pesca que eles fizeram depois da Ressurreição. Esta pesca milagrosa estava destinada a simbolizar a Igreja Triunfante, assim como a primeira pescaria mi-

lagrosa, feita antes da Ressurreição, estava destinada a simbolizar a Igreja Caminhante.

Assim, só estarão entre os eleitos aqueles que trazerem consigo o número dezessete, com tudo o que ele representa, ou seja, o cumprimento da Lei com a ajuda do Espírito Santo.

01 – Introdução.

Celebramos hoje a solenidade santa do santo dia em que desceu no meio de nós o Espírito Santo.

Uma festa tão alegre, tão graciosa, não nos convidaria a dizer alguma coisa sobre esse dom de Deus, sobre sua graça, sobre a abundância de sua misericórdia para conosco; em outros termos, sobre o próprio Espírito Santo?

Mas é a condiscípulos que falamos nesta Escola do Senhor, pois todos temos um só Mestre, em quem somos todos um só. Foi Aquele que temeu que nos orgulhássemos com a honra de ensinar que nos deu esta advertência: *Não vos façais chamar rabi, porque um só é o vosso preceptor e vós sois todos irmãos*².

Sob a autoridade de um Mestre assim, em que a cátedra é o próprio céu, já que é nas mensagens que ele nos envia que devemos nos instruir, prestem atenção a algumas ideias que vou apresentar a vocês, com sua graça e por sua ordem.

² Mateus 23: 8.

Há uma questão que frequentemente surge para uma mente santamente curiosa. Mas a fragilidade e a fraqueza humanas podem se propor sondar tais profundezas?

Seguramente que sim, pois se há nas santas Escrituras verdades veladas, elas não são veladas para que não possam ser descobertas. Foi mais para que nossos esforços consigam trazê-las à luz do dia que o Senhor disse em pessoa: *Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto*³.

A questão que se propõem muitas vezes as mentes curiosas é saber por que foi no quinquagésimo dia depois de sua Paixão e sua Ressurreição que o Senhor enviou o Espírito Santo que ele tinha prometido.

02 – Porque o Espírito Santo não foi enviado antes da Ascensão de Cristo.

Eu primeiro convido suas caridades a não hesitarem em examinar um pouco porque o Senhor mesmo disse: *Convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas, se eu for, vo-lo enviarei*⁴.

Não diríamos, falando em uma maneira humana, que Cristo Nosso Senhor tinha que manter no céu alguma coisa e, vindo em seguida para junto de nós, ele confiou esse depósito à guarda do Es-

³ Mateus 7: 7.

⁴ João 16: 7.

pírito Santo e que, conseqüentemente, o Espírito Santo só podia descer para nós depois que o Salvador retornasse e que pudesse ele mesmo enviar?

Ou então, não diríamos que não éramos capazes de tê-los ambos entre nós e que não poderíamos suportar a presença de ambos ao mesmo tempo?

Mas eles por acaso alguma vez se separam? E quando eles vêm a nós, eles acham o espaço demasiado apertado? Eles, pelo contrário, não ampliam esse espaço?

O que significam então estas palavras: *Convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós?*

O que querem dizer estas palavras? Vamos dizer brevemente o que pensamos, o que compreendemos, o que Deus mesmo nos conceder a graça de compreender ou de acreditar. Que suas caridades queiram nos ouvir.

Parece-me que os discípulos estavam muito apegados à natureza humana de Cristo Nosso Senhor e que, humanos que eram ainda, eles tinham por sua humanidade um afeto totalmente humano. O Senhor queria neles um afeto divino que os tornasse espirituais, de carnis que eram, mas essa mudança só poderia acontecer com a graça do Espírito Santo.

Disse-lhes então o Senhor: “Vou lhes conceder um dom que os fará espirituais. Esse dom é o dom do próprio Espírito Santo. Vocês

só poderão se tornar espirituais depois de deixarem de ser carnis e vocês só deixarão de ser carnis quando meu corpo desaparecer da presença de vocês, para dar lugar, em seus corações, à minha divindade”.

Não foi essa natureza humana, essa natureza de escravo que o Senhor tomou, ao se aniquilar⁵? Não era a ela que estava apegado com todo seu coração o apóstolo Pedro, quando ele temeu a morte do querido Objeto do seu amor? Ele amava seu Senhor Jesus Cristo, mas como uma pessoa pode amar uma pessoa, como uma pessoa de carne pode amar uma pessoa de carne e não como uma pessoa espiritual ama a Divina Majestade.

Como provar isto? Vejamos.

O próprio Senhor tinha perguntado aos seus discípulos o que as pessoas diziam que ele era. Eles responderam que, segundo alguns, ele era João Batista, Elias segundo outros e, segundo outros ainda, que ele era Jeremias ou algum dos Profetas. Perguntou-lhes então Jesus: *E vós, que dizeis quem eu sou? Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!”*⁶

Que maravilha! Nada de mais exato!

Pedro mereceu então que lhe fossem ditas estas palavras: *“Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne*

⁵ Cf. Filipenses 2: 7. *Sendo ele de condição divina, aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos.*

⁶ Mateus 16: 15 e 16.

nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus. Em troca do que você disse, em troca de sua confissão, receba esta bênção: *Eu te declaro: tu és Pedro* __ Eu sou a Pedra e você, por consequência, é Pedro, pois a Pedra não vem de Pedro, mas Pedro é que vem da Pedra, já que Cristo não vem de cristão, mas cristão é que vem de Cristo __ *e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.* Eu a construirei não sobre a pedra que é você, mas sobre a Pedra que você confessou. *Edificarei a minha Igreja;* eu edificarei você então, pois, ao me dar esta resposta você representa minha Igreja”⁷.

Lembrem-se destas palavras e das outras que vieram depois. Como estas, para felicitar Pedro por haver dito: *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!* Vocês se lembram de que o Senhor assegurou que *não foi a carne nem o sangue que lhe revelou isto.* Ou seja, não foi o espírito humano, não foi a fraqueza ou a ignorância humana, mas o *Pai que está nos céus.*

O Senhor Jesus se pôs então a profetizar sua Paixão e a mostrar o quanto ele teria que sofrer por parte dos ímpios. Pedro ficou então consternado, temendo que a morte fizesse perecer seu Cristo, o Filho do seu Deus vivo, enquanto que esse mesmo Cristo, esse Filho do Deus vivo, essa Bondade saída da Bondade, essa Vida gerada pela Vida, essa fonte de Vida e a Vida verdadeira, esse Deus de Deus, tinha vindo destruir a morte e não sucumbir a ela.

⁷ Mateus 16: 17 e 18.

Mas Pedro se assustou como um ser humano, pois ele tinha pela humanidade sensível de Cristo um afeto totalmente humano. Ele disse então: *Que Deus não permita isto, Senhor! Isto não te acontecerá!* Estas palavras são digna e convenientemente rejeitadas pelo Salvador.

Jesus deu à profissão de fé os elogios que ela merecia, mas deu também ao medo a reprimenda que lhe era devida. Clamou ele então: *Afasta-te, Satanás!*⁸

Como estamos longe das palavras: *Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas!* Mas, ao fazermos a distinção entre a reprimenda e o encorajamento, distinguimos também a causa da confissão e a causa do medo.

Por que Pedro confessou? *Porque não foi a carne nem o sangue que lhe revelou isto, mas o Pai que está nos céus.*

Por que ele tremeu? *Teus pensamentos não são de Deus, mas dos humanos!*⁹

E não gostaríamos que a discípulos assim dispostos fosse dito: *Convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós?*

“Se essa natureza humana não se afastar dos seus olhos, vocês jamais poderão compreender, sentir, conceber nada de divino”.

O que eu disse é suficiente.

⁸ Mateus 16: 23.

⁹ Mateus 16: 23.

Aí está então porque era necessário que, após a Ressurreição e a Ascensão de Jesus Cristo Nosso Senhor, se cumprisse a promessa que ele tinha feito sobre o Espírito Santo.

Ao falar do Espírito Santo, Jesus clamou: *Se alguém tiver sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura: “Do seu interior manarão rios de água viva”*¹⁰. Depois de ter narrado esta passagem, o evangelista São João logo acrescentou, mas falando em seu próprio nome: *Dizia isso, referindo-se ao Espírito que haviam de receber os que cressem nele, pois ainda não fora dado o Espírito, visto que Jesus ainda não tinha sido glorificado*¹¹.

Ora, foi por sua Ressurreição e por sua Ascensão que foi glorificado Nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso ele enviou em seguida o Espírito Santo.

03 – Os significados simbólicos dos números quarenta e cinquenta.

No entanto, como nos informam os santos livros, ele ficou quarenta dias inteiros com seus discípulos depois da Ressurreição, lhes manifestando a realidade do seu corpo ressuscitado, para afastar deles toda ideia de ilusão, indo e vindo, comendo e bebendo com eles.

Mas, no quadragésimo dia, aquele que celebramos há dez dias, ele subiu ao céu diante dos olhos dos seus discípulos, assegurando-

¹⁰ João 7: 37 e 38.

¹¹ João 7: 39.

lhes que retornaria, *do mesmo modo* como estava sendo visto *subir para o céu*¹², ou seja, para julgar o mundo ele se mostraria com a natureza humana com a qual ele foi julgado.

Ele não quis enviar o Espírito Santo no mesmo dia de sua Ascensão; ele quis esperar, não dois dias nem três, mas dez dias. Por quê?

Esta questão nos obriga a examinar e pesquisar alguns dos segredos misteriosos dos números.

No número quarenta há quatro vezes dez. Este me parece ser um número misterioso, pois somos apenas humanos falando a humanos e, como tivemos razão em salientar, estamos explicando as Escrituras sem afirmar opiniões pessoais.

Este número quarenta, onde o dez está contido quatro vezes, designa então, a meu ver, a vida presente que atravessamos, onde somos arrastados, levados pelo curso do tempo, pelo movimento das criaturas que desaparecem e são substituídas, pela inconstância que nos desnuda, por uma torrente que leva tudo.

Este número designa esta vida, seja por causa das quatro estações que dividem o ano, seja por causa dos quatro pontos cardeais que todo mundo conhece e que aparecem muitas vezes nas Escrituras santas sob os nomes de oriente, ocidente, norte e sul¹³.

¹² Cf. Atos 1: 11.

¹³ Cf. Lucas 13: 29. *Virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul e sentar-se-ão à mesa no Reino de Deus.*

Nestas quatro estações e nestes quatro pontos cardeais se divulga a Lei de Deus representada pelo número dez e conhecida desde o início pelo nome de Decálogo. Se esta Lei está contida nos dez preceitos é porque o número dez é um número perfeito, já que se chega até ele contando, para retornar em seguida à unidade e subir novamente até o dez e assim por diante. Desta forma se obtêm as centenas, os milhares e, multiplicando sempre, todos os números até o infinito.

Mas, com esta Lei perfeita, com este número dez sendo divulgado pelos quatro pontos cardeais, chega-se ao quarenta, já que quatro vezes dez são quarenta.

Ora, na vida que passamos neste mundo, devemos nos abster das concupiscências do mundo e isto é o que nos lembra o jejum de quarenta dias conhecido por todo mundo sob o nome de Quaresma.

Não é isto o que prescrevem Lei, os Profetas e o Evangelho?

A Lei: Moisés também jejuou durante quarenta dias.

Os Profetas: Elias também jejuou por quarenta dias.

O Evangelho: Cristo Nosso Senhor estendeu seu jejum por quarenta dias igualmente.

Dez outros dias após os quarenta que se seguiram à Ressurreição (aqui está novamente o número dez, mas o número dez em sua simplicidade e não multiplicado por quatro) o Espírito Santo desceu para nos levar a cumprir a Lei através da graça, pois a Lei sem a gra-

ça é uma letra que mata, pois, *se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei. Mas a Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem*¹⁴.

Aí está *porque a letra mata, mas o Espírito, por outro lado, vivifica*¹⁵. Não é que você tenha que cumprir outra coisa além do que está prescrito pela Lei, mas a letra sozinha só contribui para torná-lo culpado, enquanto que a graça o liberta do pecado e lhe concede, ao mesmo tempo, o cumprimento literal da Lei. Daí concluímos que devemos à graça a remissão de todos os pecados e a fé que age através do amor.

Evite, no entanto, considerar as palavras *a letra mata* como sendo a condenação da Lei. Elas significam simplesmente que a letra faz culpados. A letra expressa um preceito e se você não for ajudado pela graça, você no mesmo instante se torna um culpado, por não ter observado a Lei, mas também um prevaricador. *Onde não existe Lei, não há prevaricação*¹⁶.

Novamente repitamos: quando é dito *a letra mata, mas o Espírito, por outro lado, vivifica*, não há aqui uma censura e nem uma condenação à Lei, ao mesmo tempo em que se faz um elogio ao Espírito Santo. Quando se diz *a letra mata*, fala-se da Lei sem a graça.

¹⁴ Gálatas 3: 21 e 22.

¹⁵ 2 Coríntios 3: 6.

¹⁶ Romanos 4: 15.

Por exemplo. Existe nas Escrituras esta frase: *A ciência incha*. O que isto quer dizer? Isto é uma condenação à ciência? Seria melhor então que permanecêssemos na ignorância? Mas, ao ser acrescentado: *O amor constrói*¹⁷, como foi acrescentado: *mas o Espírito, por outro lado, vivifica*, o autor sagrado nos mostra que, se a letra mata sem o Espírito, enquanto que, com o Espírito ela vivifica e faz a Lei ser cumprida, da mesma forma a ciência incha sem o amor, enquanto que, com o amor, ela edifica.

Assim então, o Espírito Santo foi enviado para fazer com que a Lei seja cumprida e para realizar estas palavras do Senhor: *Não julgueis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim para aboli-los, mas sim, para levá-los à perfeição*¹⁸. Este é o benefício que ele concede aos crentes, aos fiéis, àqueles a quem ele dá o Espírito Santo e quanto mais ele é recebido abundantemente, mais se tem facilidade para cumprir a Lei.

04 – O temor casto e o temor servil.

De fato, eu declaro às suas caridades e, aliás, vocês mesmos podem constatar e reconhecer facilmente: é o amor que cumpre a Lei. O medo pelas penas leva realmente o ser humano a agir, mas servilmente.

¹⁷ I Coríntios 8: 1.

¹⁸ Mateus 5: 17.

Suponhamos, de fato, que você faça o bem porque teme o mal e que, por medo desse mal, você também evite o mal. Não é verdade que, se você estivesse seguro da impunidade, você logo se dedicaria à iniquidade? Que se dissessem a você: “Fique tranquilo! Você não terá que sofrer nada. Siga em frente!”, você não seguiria em frente?

É que você estava contido somente pelo medo das penas e não pelo amor à justiça. O amor não agia ainda em você.

Ah! Pense nos efeitos que produz o amor! Amemos temendo, de maneira a temer amando castamente.

Uma esposa casta não teme seu marido? Mas saiba fazer a distinção entre temer e temer.

Uma esposa casta teme que seu marido se ausente. Uma esposa adúltera teme que seu marido venha surpreendê-la.

Se então dizemos que o amor cumpre a Lei, porque o *perfeito amor lança fora o temor*¹⁹, é porque falamos do temor servil, produzido pelo pecado, mas *o temor ao Senhor é puro e permanece pelos séculos dos séculos*²⁰.

No entanto, de onde vem esse amor que cumpre a Lei? Estimulem a memória de vocês. Observem e reconheçam que esse amor é um dom do Espírito Santo, *porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*²¹.

¹⁹ 1 João 4: 18.

²⁰ Sálmo 18: 10.

²¹ Romanos 5: 5.

Não é então com razão que depois destes dez dias que nos lembram da perfeição da Lei, Jesus Cristo Nosso Senhor tenha enviado o Espírito Santo, já que é sua graça que nos permite cumprir a Lei que o Salvador não aboliu, mas aperfeiçoou²²?

05 – O repouso do sábado.

Mas não é o número dez, mas o número sete que, nas Escrituras é consagrado ao Espírito Santo. À Lei, o número dez; ao Espírito Santo, o número sete.

Vocês sabem muito bem que o dez é o número da Lei. Uma palavra para lembrar que o sete é o número do Espírito Santo.

Primeiro, no mesmo livro, no começo do Livro do Gênesis, são relatadas as obras de Deus. Ele faz a luz e faz o céu, que chama de firmamento e que separa das águas. Ele eleva a terra acima da água, a separa do mar e joga em seu seio os germes fecundos de todas as plantas. Ele faz os *luzeiros no firmamento dos céus*; o grande e o pequeno, o sol e a lua, bem como as estrelas. Das águas saem o que elas produzem e da terra o que produz a terra. Depois, surge o ser humano à imagem de Deus.

Deus termina suas obras no sexto dia²³, sem que em todas as obras mencionadas até então tenha sido falada a palavra santificação.

²² Cf. Mateus 5: 17. *Não julgueis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim para aboli-los, mas sim, para levá-los à perfeição.*

²³ Cf. Gênesis 1: 1-31.

Deus disse então: “*Faça-se a luz!*” *E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa*²⁴. Mas não está dito que Deus santificou a luz.

*Deus disse: “Faça-se um firmamento” e assim se fez*²⁵. Não está dito também que ele o tenha santificado.

E assim sucessivamente, para não nos estendermos no que já está bem claro. Em tudo o que enumera a Escritura, até as obras do sexto dia, até à criação do ser humano à imagem de deus, não é mencionada a santificação.

Mas eis que vem o sétimo dia. Neste dia, Deus não criou nada e apenas repousou, mas ele santificou esse sétimo dia.

Assim, é com o número sete que aparece a santificação. Que ela seja procurada em todas as páginas das Escrituras, é aí que ela é encontrada pela primeira vez.

Mas, ao falar do repouso de Deus, é nosso repouso que tem em vista o livro santo. Deus trabalhou até precisar de repouso? Se ele santificou o sétimo dia foi para ter um dia de festa em que ele pudesse se dedicar ao repouso e à alegria?

Esta é uma ideia carnal!

Trata-se aqui do repouso que acontecerá depois de todas as nossas boas obras, da mesma forma como o repouso divino se apresentou depois de tudo o que Deus criou de bom.

²⁴ Gênesis 1: 3 e 4.

²⁵ Gênesis 1: 6 e 8.

*Deus contemplou toda a sua obra e viu que tudo era muito bom. Tendo Deus terminado no sétimo dia a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho. Ele abençoou o sétimo dia e o consagrou, porque nesse dia repousara de toda a obra da Criação*²⁶.

Você também quer repousar? Comece por realizar obras perfeitamente boas.

Para os judeus havia a observação material do sábado. Assim como suas outras observâncias, ela era misteriosa. Um certo repouso lhe fora ordenado, mas cabe a vocês entenderem o que significa esse repouso.

Há, de fato, um repouso espiritual que não é outra coisa além da tranquilidade do coração. Mas a tranquilidade do coração vem da serenidade de uma boa consciência.

Observar então o sábado é não pecar. Assim, está dito àqueles que devem observar o sábado: *Não fareis nenhum trabalho servil*²⁷. Ora, *todo aquele que se entrega ao pecado é seu escravo*²⁸.

Então, é verdade que o número sete é consagrado ao Espírito Santo, assim como o número dez é consagrado à Lei. Isto é o que mostra o profeta Isaías, na passagem onde ele diz, contem: *Sobre ele repousará o Espírito do Senhor; Espírito de sabedoria e de entendi-*

²⁶ Gênesis 1: 31 e 2: 2 e 3.

²⁷ Levítico 23: 7.

²⁸ João 8: 34.

*mento, Espírito de prudência e de coragem, Espírito de ciência e de piedade e pleno de um Espírito de temor ao Senhor*²⁹.

Há aqui como que uma gradação descendente da graça do Espírito Santo, que começa com a sabedoria e termina com o temor. Mas, avançando de baixo para cima, devemos começar com o *temor ao Senhor* e terminar com a sabedoria, pois, *o temor ao Senhor é o começo da sabedoria*³⁰.

Seria muito longo, estaria acima de nossas forças e deixaria vocês cansados, se fôssemos citar todas as passagens das Escrituras em que aparece o número sete em suas relações com o Espírito Santo. Contentemo-nos então com o que acaba de ser dito.

06 – O Espírito Santo simbolizado pelo número sete.

Já que, com a graça do Espírito Santo cumpre-se a Lei, considere agora de que maneira o Senhor nos chama a atenção para o número dez, assim como fizemos com o número sete, para melhor demonstrar a necessidade dessa graça do Espírito Santo.

Foi ao enviar o Espírito Santo dez dias após sua Ascensão que Cristo destacou, com o número dez, a Lei cujo cumprimento ele nos ordenou.

Mas, onde encontrar, com vistas sobretudo ao Espírito Santo, a consagração do número sete?

²⁹ Isaías 11: 2 e 3.

³⁰ Salmo 110: 10.

Abra o Livro de Tobias. Nele você encontrará a festa de Pentecostes, que ali é chamada de Festa das Semanas³¹. O que isto quer dizer? Multiplique sete por ele mesmo (sete vezes sete), como as escolas ensinam. Sete vezes sete são quarenta e nove. A este total de sete multiplicado por sete é preciso, no entanto, acrescentar a unidade.

De fato, é o Espírito Santo que nos chama, que nos reúne. Assim, ele quis dar, como primeira prova do seu advento, o poder de falar todas as línguas, concedido a cada um daqueles em quem ele havia descido. Não é verdade que na unidade moral do corpo de Jesus Cristo entram todas as línguas faladas pelos povos do mundo inteiro? Essa unidade maravilhosa foi então simbolizada por cada um dos fiéis, já que cada um deles se expressou em todos os idiomas.

*Com toda a humildade e amabilidade, com grandeza de alma, suportem-vos mutuamente com amor. Sede solícitos em conservar a unidade do Espírito no vínculo da paz*³², disse o Apóstolo.

Assim, é o Espírito Santo que estabelece a unidade entre nós, por mais numerosos que sejamos. Mas, só se pode recebê-lo na medida em que se é humilde, já que o orgulho o afasta. Ele é como uma água misteriosa que procura, para se alojar, os corações humildes, como os locais mais baixos e que se afasta das alturas do orgulho,

³¹ Cf. Tobias 2: 1 (Septuaginta).

³² Efésios 4: 2 e 3.

como a água que deixa a elevação de uma colina para se espalhar pelos arredores.

Assim, está dito: *Deus resiste aos soberbos, mas concede sua graça aos humildes*³³.

Ele dá sua graça aos humildes? O que isto quer dizer?

Que ele lhes dá o Espírito Santo. Ele preenche os humildes, porque neles ele encontra lugar para ele.

Pois bem! Já que é assim, ao quarenta e nove, produto de sete multiplicado por sete, acrescente um, em favor da unidade formada pelo Espírito Santo e vocês chegarão ao Pentecostes.

07 – O simbolismo do número cento e cinquenta e três.

Já que o fervor de suas caridades sustenta assim nossa fraqueza junto ao Senhor nosso Deus, eis um fato que lhes parecerá, creio, tão agradável, uma vez explicado, quanto incompreensível antes de sê-lo.

Quando, bem antes da Ressurreição o Senhor escolheu seus discípulos, ele lhes ordenou que jogassem suas redes no mar. Eles assim o fizeram e pegaram uma quantidade de peixes tão grande que as redes se romperam e as barcas, muito carregadas, quase foram ao fundo.

³³ Tiago 4: 6.

Ele não lhes disse de que lado deviam lançar as redes; ele lhes disse simplesmente: *Lançai as vossas redes para pescar*³⁴. Se ele lhes tivesse dito para lançá-las à direita, teria sido para dizer-lhes que só pegassem os bons peixes. Se fosse à esquerda, eles só teriam pegado os maus peixes. Eles não jogaram as redes nem à direita e nem à esquerda e sim ao acaso, pegando assim uma mistura de bons e maus peixes.

Esta é a imagem da Igreja do tempo presente; da Igreja neste mundo.

Não é verdade que os servidores de Cristo foram enviados para procurar convidados, que eles levaram todos aqueles que *acharam, maus e bons, de modo que a sala do banquete ficou repleta de convidados*³⁵?

Não é verdade que ainda hoje na Igreja os maus estão misturados com os bons?

O que significam tantos cismas, se não são as redes se rompendo?

Por que tão frequentemente a Igreja é abalada por escândalos dessas multidões carnais que se agitam em desordem, se não são por causa das barcas sobrecarregadas?

Esta foi a pesca milagrosa que precedeu a Ressurreição. Após a Ressurreição o Senhor encontrou novamente seus discípulos ocupa-

³⁴ Lucas 5: 1-7.

³⁵ Mateus 22: 10.

dos em pescar. Ele ordenou novamente que eles lançassem as redes, mas não de uma maneira qualquer e nem ao acaso, porque agora tinha acontecido a Ressurreição e em seu corpo, ou sua Igreja, não haverá mais ímpios depois da Ressurreição.

Disse então o Senhor: *Lançai a rede ao lado direito da barca*³⁶. Eles lançaram a rede do lado direito, como ele ordenou e capturaram um número determinado de peixes.

Na primeira pesca o número de peixes capturado não foi determinado, simbolizando a Igreja tal como ela é atualmente e ao retirarem as redes, os Apóstolos pareceram dizer: “Eu anunciei e divulguei e a multidão se elevou *acima dos números*³⁷”.

Isto dá a entender que há na Igreja um número em excesso, há membros supérfluos, mas que não param, no entanto, de ser admitidos. Mas, na segunda pesca as redes são jogadas à direita, os peixes são contados e a Escritura diz que eles são grandes.

Os peixes são grandes porque *aquele que guardar os mandamentos e os ensinar será declarado grande no Reino dos céus*³⁸, como diz o Senhor.

Esses grandes peixes eram em número de cento e cinquenta e três. Quem não sente que este número está fixado por um motivo?

³⁶ João 21: 6.

³⁷ Salmo 39: 6.

³⁸ Mateus 5: 19.

Será, de fato, que não foi para nos ensinar nada que o Senhor disse: *Lançai a rede* e especificou: *ao lado direito da barca?*

Este número de cento e cinquenta e três simboliza então alguma coisa. Parece que o Evangelista quis aludir aqui à primeira pesca, em que as redes rompidas profetizavam os cismas e, como na Igreja da vida eterna não haverá cismas e nem divisões, como todos os eleitos serão grandes nela, porque todos estarão cheios de amor nela, ele quis dizer, ao falar da segunda pesca, por alusão à primeira que presagiava malignas rupturas: *Apesar de serem tantos, a rede não se rompeu*³⁹.

Assim, o lado direito simboliza que todos serão bons; a grandeza dos peixes lembra que *aquele que guardar os mandamentos e os ensinar será declarado grande no Reino dos céus*; por fim, se a rede não se rompeu, foi porque não haverá mais então nenhuma dissensão.

Mas o que significa afinal o número cento e cinquenta e três?

Este número não é, seguramente, o número dos eleitos. Não haverá somente cento e cinquenta e três deles, já que somente o número daqueles *que não se contaminaram com mulheres* chegará a *cento e quarenta e quatro mil*⁴⁰.

O número dos eleitos, portanto, é como uma árvore que parece vir de uma semente especial. Ora, esta semente que dá origem ao

³⁹ João 21: 11.

⁴⁰ Apocalipse 14: 1-4.

grande número dos eleitos é um número bem pequeno __ o número dezessete __ pois com o dezessete chegamos ao cento e cinquenta e três. Para isto, basta que somemos todos os números, partindo da unidade, até o dezessete.

Se só nos contentarmos em lembrar todos os números desde o um até o dezessete, só obteremos dez, mas, ao somarmos dizendo: um mais dois, três; mais três, seis; mais quatro, dez; mais cinco, quinze e prosseguindo com esta soma até o dezessete, encontramos na ponta dos dedos o total de cento e cinquenta e três.

Lembrem-se agora do que eu já disse e insisti neste sermão e compreendam o que simboliza e quais são aqueles que são representados pelo número dezessete. Dez é a Lei e sete é o Espírito Santo.

Isto não é nos ensinar que na Igreja da Ressurreição eterna __ onde não haverá cisões, onde a morte não será mais temida, já que todos nela estarão ressuscitados __ só contarão com a vida eterna junto ao Senhor aqueles que tiverem cumprido sua Lei com a graça do Espírito Santo e com a assistência desse Dom divino cuja festa celebramos hoje?



Créditos

© 2020 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Traduzido de *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Organizada pelo Abade Raulx. Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1868, por Souza Campos, E. L. de. Cotejado com as versões em italiano e espanhol, da Ordem de Santo Agostinho.

Traduzido do latim para o francês pelo Abade Raulx.

Conteúdo

Sermão 270	1
Análise	1
01 – Introdução.....	3
02 – Porque o Espírito Santo não foi enviado antes da Ascensão de Cristo. ..	4
03 – Os significados simbólicos dos números quarenta e cinquenta.	9
04 – O temor casto e o temor servil.	13
05 – O repouso do sábado.....	15
06 – O Espírito Santo simbolizado pelo número sete.	18
07 – O simbolismo do número cento e cinquenta e três.	20
Créditos.....	25
Conteúdo.....	26